

# Kant, Schiller e a virtude em observações sobre o sentimento do belo e do sublime

*Kant, Schiller and virtue in observations on the feeling of the beautiful and of the sublime*

*Kant, Schiller y virtude en observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime*

# 4

DOI: 10.18226/21784612.v22.n.especial.04

Charles Feldhaus\*

*There is much we can learn from a careful consideration of the details of both Schiller's "corrective" to Kant's moral theory and Kant's reply to this critique, for [...] what is at stake in their debate are rival conceptions of the proper state of moral health for us as finite rational beings and competing political notions of the ideal form of self-governance that we ought to strive to attain. (BAXLEY, 2003, p. 494).*

**Resumo:** Este estudo examina a concepção de *virtude* em Kant, no texto pré-crítico *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* e no período crítico, assim como a concepção de virtude em Schiller em *Sobre graça e dignidade*, mostrando principalmente que existem algumas continuidades entre a posição de Kant a respeito da virtude no período pré-crítico e a concepção do período crítico do pensamento moral à luz do debate entre Kant e Schiller a respeito do papel dos sentimentos na concepção de virtude ou perfeição moral.

**Palavras-chave:** Virtude. Inclinação. Dever. Sublime.

\* Professor Adjunto D na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor em Filosofia pela Uni Halle – Alemanha. *E-mail:* charlesfeldhaus@yahoo.com.br

**Abstract:** This study examined the Kant's conception of *virtue* in the pre-critical text *Observations on the feeling of the beautiful and the sublime* and in the critical period as well as the Schiller's conception of virtue in *On Grace and Dignity* showing mainly that there are some continuities between position of Kant about virtue in the pre-critical period and the position of the critical period of moral thought in the light of the debate between Kant and Schiller about the role of feelings in the conception of virtue or moral perfection.

**Keywords:** Virtue. Inclination. Duty. Sublime.

**Resumen:** En este estudio se examinó la concepción de *virtud* de el texto pre-críticos *Observaciones en el sentimiento sobre lo bello y lo sublime* en Kant y del período crítico, así como la concepción de la virtud en la obra *Sobre la gracia y la dignidad*, en Schiller y si muestra principalmente que hay algunas continuidades entre la posición de Kant sobre la virtud en el período pre-crítico a el período crítico del pensamiento moral de Kant a la luz del debate entre Kant y Schiller acerca del papel de los sentimientos en la concepción de virtud o perfección moral.

**Palabras clave:** Virtud. Inclinação. Deber. Sublime.

## Introdução

A concepção de virtude em Kant na *Crítica da razão prática* (1788), em *A metafísica dos costumes* (1797), em *A religião dentro dos limites da simples razão* (1793) é geralmente contrastada com a concepção de Schiller de virtude contida na noção de bela alma [*schöne Seele*] tal como retratada na obra *Sobre graça e dignidade* (1793). Entretanto, na obra pré-crítica *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764), Kant discute a virtude a partir de uma perspectiva mais próxima daquela discutida por Schiller, a saber, levando em consideração aspectos empíricos do ser humano e não apenas aspectos racionais. Na verdade, quando escreveu esse texto, Kant não havia ainda chegado a desenvolver a concepção de ética baseada na ideia de imperativo categórico e na noção de autonomia. Entretanto, como será possível observar, apesar das grandes diferenças entre concepção ética do período pré-crítico, baseada num tipo de sentimento de beleza e dignidade pela natureza humana, e concepção ética do período crítico, baseada na ideia de imperativo categórico e no sentimento de respeito, existem alguns elementos que evidenciam continuidades quanto à concepção de virtude em Kant.

### A concepção de virtude nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*

É possível observar que já no período pré-crítico, Kant procura afastar sua concepção de virtude de uma ética ascética monástica, quando afirma: “Dominar as paixões por meio de princípios é sublime. Mortificações, votos e muitas outras virtudes monásticas são caricaturas”. (1993, p. 30). Ou seja, assim como uma ética baseada apenas nos sentimentos naturais não constitui um modelo de perfeição moral ou virtude, uma ética que defende as virtudes monásticas também se afasta de uma virtude verdadeira. Kant busca novamente diferenciar sua concepção de virtude de uma moral ascética em *A metafísica dos costumes* e, nesse caso, ele parece estar claramente respondendo às críticas de Schiller à sua concepção ética desenvolvida a partir da publicação de *A fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), baseada na ideia de dever e de um imperativo categórico.

Kant identifica o sublime com a verdadeira virtude, embora também reconheça que existem outras qualidades morais que são belas na medida em que estão em acordo com aquilo que a virtude exige e que podem até mesmo ser consideradas nobres, mas não virtuosas. Kant entende que apenas a disposição de ânimo vinculada a princípios que podem concordar de maneira não apenas ocasional com a virtude pode ser denominada verdadeira virtude. (Kant, 1993, p. 30-31). No período crítico, Kant novamente sustenta que a virtude deve se orientar por princípios. A diferença, contudo, diz respeito ao tipo de princípio que estaria em jogo no período pré-crítico e no período crítico. No período pré-crítico, ele defende que a virtude se baseia no “*sentimento de beleza e da dignidade da natureza humana*”. (p. 33, grifo do autor). No período crítico, a virtude se fundamenta no sentimento de respeito e no imperativo categórico.

O primeiro tipo de sentimento favorável à virtude de que Kant trata é o sentimento de compaixão [*Mitleid*]. (p. 30-31). Ele sustenta que ela é bela [*schön*] e louvável [*liebeswürdig*], uma vez que demonstrar uma benévola participação [*eine gütige Teilnehmung*] na destinação dos outros seres humanos, entretanto ela sempre é fraca [*schwach*] e cega [*blind*]. O segundo tipo de sentimento favorável à virtude de que Kant trata é o sentimento de amabilidade [*Gefälligkeit*]. (p. 32). A verdadeira virtude deve envolver princípios universais e, quanto mais universais forem esses princípios, mais do sublime e do nobre essas ações possuem.

Kant identifica aqui o princípio que define a virtude verdadeira com “a consciência de um sentimento que vive em cada coração humano”. (p. 32). Kant denomina a compaixão e a condescendência de “virtudes de adoção”. (p. 33). Além disso, Kant identifica a virtude de adoção com o bom coração e a verdadeira virtude como “coração nobre”. (p. 33). Kant diferencia a natureza dos princípios da natureza das disposições: “As disposições nos exaltam apenas em ocasiões especiais” e apenas impulsionam, acidentalmente, o que não ocorre com os princípios, que exaltam universalmente e de maneira não acidental. (p. 37). Kant apresenta o exemplo de um ser humano que ajuda outro ser humano, ou seja, cumpre o dever ou a virtude da beneficência não porque esse outro ser humano seja conhecido ou amigo dele, nem porque esteja esperando alguma ajuda em retribuição, mas porque seu coração diz que tal deve ser feito. (p. 37). Esse comportamento seria virtuoso porque tem como base o fundamento mais elevado da natureza humana e seria sublime, por ser inalterável e universal em sua aplicação. (p. 37).

### **A concepção de virtude de Schiller em *Sobre graça e dignidade***

Schiller, assim como Kant, também sustenta que existe apenas a virtude, ou uma virtude, e não as virtudes, (SCHILLER, 2008, p. 38). Porém, diferentemente de Kant, ele define “a virtude não é mais que ‘uma inclinação para o dever’”. (p. 38). Contrariamente ao que ao menos à primeira vista parece ser a concepção de virtude de Kant, a saber, uma concepção que excluiria a alegria da vida moral, a concepção de virtude de Schiller não apenas permite, mas exige o cumprimento do dever com inclinações favoráveis ao dever. Diz Schiller: “O homem não apenas pode, mas deve combinar o prazer e o dever, ele deve obedecer com alegria à sua razão”. (p. 38). A concepção de virtude em Schiller se baseia numa concepção de ser humano como dotado de razão e sensibilidade, assim como a visão de Kant, entretanto, ele apresenta uma metáfora política, na qual identifica o domínio exclusivo da razão com a monarquia e o domínio exclusivo da sensibilidade com a oclocracia. (p. 37). É importante ressaltar que Schiller parece querer defender Kant da acusação de rigorismo na moral em *Sobre graça e dignidade*, uma vez que ele defende que “a parte da inclinação numa ação livre nada prova da pura conformidade ao dever”. (p. 38). Schiller concorda com Kant que o filantropo natural não pode ser considerado um modelo de ação moral, mas ele acredita que a participação da inclinação é fundamental

na determinação da perfeição moral do ser humano. (p. 38). Além disso, Schiller parece aceitar a distinção de Kant entre princípio de justificação e princípio de execução quando sustenta estar em acordo com os rigoristas da moral em rejeitar a sensibilidade no campo da razão pura e da legislação moral, mas manter as exigências da sensibilidade no campo do fenômeno e do exercício efetivo do dever ético. (p. 38). Schiller, além do mais, afirma claramente que o problema da filosofia moral de Kant estaria mais no modo de exposição do que no pensamento ético de Kant propriamente dito. Ele distingue entre o espírito e a letra da filosofia moral de Kant. A letra poderia sugerir, segundo Schiller (p. 39), “um entendimento fraco a buscar a perfeição moral na via do ascetismo obscuro e monástico”, mas isso consiste numa falsa interpretação do pensamento ético de Kant. O próprio Kant se defende desse tipo de acusação em *A metafísica dos costumes*, mas no texto: *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, ele também já havia deixado claro que esse tipo de ética não seria um tipo de modelo a seguir quando afirma que “mortificações, votos e muitas outras virtudes monásticas são caricaturas”. (p. 30).

### A concepção de *virtude* na filosofia crítica de Kant

Em *A metafísica dos costumes*, Kant define *virtude* como a força do ser humano no cumprimento de seu dever e, nesse contexto, ele compreende a força da vontade no cumprimento do dever como um tipo de liberdade interior, como uma capacidade de se autogovernar e como apatia moral. A liberdade interior, ele a compreende como um tipo de autocracia. A capacidade de se autogovernar ou o domínio de si mesmo tem a ver com não se deixar dominar por seus sentimentos e inclinações. (AA, VI, 408). A apatia moral diz respeito à ausência ou controle dos afetos [*Affektlosigkeit*]. Afetos e paixões são dois sentimentos que tem a ver com a virtude em Kant. O afeto enfraquece temporariamente a razão e o entendimento. A paixão, por sua vez, é um sentimento persistente e profundamente enraizado e pode, inclusive, levar à demência. (GOY, 2013, p. 203). Embora Kant afirme que paixão e afeto são os principais inimigos da virtude, como diz Goy (p. 203), “ele [Kant] não fornece uma explicação de *como* eles podem ser governados”. Alguém poderia dizer que seria exatamente aqui que a teoria da educação estética de Schiller procura complementar a concepção moral de Kant desenvolvendo uma estética dos costumes.

Em *A metafísica dos costumes*, Kant também define a virtude em contraposição à concepção de virtude de Aristóteles. Ele defende que existe apenas um fundamento de obrigação de virtude, embora existam diferentes deveres de virtude. A virtude e o vício se diferenciam com base em princípios, e não, em grau. Desse modo, Kant critica a concepção de virtude como *mesotes*, como meio-termo. Goy (p. 199) sustenta que a crítica de Kant à concepção de virtude de Aristóteles é equivocada, uma vez que se baseia em uma simplificação exagerada da concepção de meio-termo do estagirita. Kant interpreta a concepção de meio-termo de forma aritmética, no entanto, Aristóteles afirma explicitamente que meio-termo deve ser compreendido “em relação a nós”. O fundamento dos deveres de virtudes, conforme Goy (p. 197) se situa na lei prática, numa máxima de escolha de fins e nos elementos sensíveis *a priori*. Recki ressalta, em *Ästhetik der Sitten*, que os princípios são conceitos orientadores, cuja função é garantida apenas na medida em que eles se qualificam a uma validade universal, razão pela qual apenas sentimentos gerais podem fundar esses princípios e não sentimentos particulares: os primeiros fundam a virtude verdadeira, ao passo que os últimos apenas o que ele chama de “virtude adotiva”. (RECKI, 2001, p. 17). Entretanto, Recki (p. 19) afirma que a discussão da relação entre os princípios [*Grundsätze*] e os sentimentos [*Gefühle*] permanece insatisfatória no texto da obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*.

No § 53, da segunda parte de *A metafísica dos costumes*, a Doutrina da Virtude, Kant procura diferenciar sua própria concepção de virtude de uma concepção de virtude de uma ética monástica ascética. Ele diferencia entre o exercício da virtude [*exercitorum virtutis*] e a cultura da virtude. Kant afirma que “a ascese monástica, que por temor supersticioso ou por uma hipócrita aversão de si próprio se entrega à autopunição e à mortificação da carne, não está dirigida à virtude mas à expiação fanática do pecado”. (AA, VI, 485). Como vimos, Kant já sustenta na obra *Observações sobre o sentimento do belo e sublime*, que a virtude não deveria ser identificada com a concepção moral ascética, embora também não possa ser identificada no seu sentido verdadeiro com o belo, mas apenas com o sublime.

Recki (2001, p. 19) defende que essa obra considera o caráter moral do ser humano sob o ponto de vista estético, que foi exatamente o ponto de vista a partir do qual Schiller apresentou suas críticas à ética de Kant.

Como já vimos, Kant define a virtude em *A metafísica dos costumes* como “a força da máxima do ser humano no cumprimento de seu dever”. (AA, VI, 394). Segundo Denis, essa passagem pode sugerir que a virtude implica uma resolução moral como completamente oposta às inclinações. (DENIS, 2013, p. 160). As inclinações são definidas como desejos habituais. Entretanto, Denis sustenta que a simples presença das inclinações não é suficiente para atribuir à incorreção moral uma ação, uma vez que Kant afirma em *A religião dentro dos limites da simples razão* que as inclinações em si mesmas não são moralmente más. (DENIS, 2013, p. 162). A virtude também é definida como um tipo de autocoeção segundo um princípio de liberdade interna (AA, VI, 394) e como um estado de saúde. (AA, VI, 383). Como já observado, Kant, em *A metafísica dos costumes*, crítica a concepção de virtude de Aristóteles baseada na noção de meio-termo entre dois vícios (AA, VI, 404). Diferentemente de Aristóteles, Kant indica que a força da máxima no cumprimento do dever do ser humano pode ser apreciada apenas pela grandeza dos obstáculos que podemos superar no cumprimento do dever. Se a única marca distintiva da virtude na ética de Kant fosse essa, então a concepção de virtude de Kant estaria muito próxima do que Korsgaard (2009, p. 7) chama de “concepção do pecador miserável da obrigação moral”. A liberdade interior contida na concepção de virtude de Kant consiste na ideia de autarquia, de domínio sobre si mesmo, de domínio sobre seus sentimentos e suas inclinações. (AA, VI, 408). Schiller entende, por sua vez, que a virtude não apenas permite, mas até mesmo exige reunir dever e prazer, a virtude exige obedecer à razão com alegria. (SCHILLER, 2008, p. 106-107). E, contrariamente, à concepção de Kant de virtude, Schiller sustenta que “uma ação sempre perderá tanto mais em valor ético quanto mais o combate mesclar-se ao seu exercício”. (SCHILLER, 2008, p. 52). Entretanto, é possível encontrar outra marca distintiva da autenticidade de um comportamento virtuoso na ética de Kant, a saber, um coração alegre no cumprimento do dever (AA, VI, 23) e como dito, em *A metafísica dos costumes*, Kant procura diferenciar sua concepção de virtude de uma ética monástica. (AA, VI, 485). Além disso, em *Crítica da razão prática*, Kant afirma como já fizera na obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, que agir por amor [*aus Liebe*] é belo [*schön*] e até mesmo louvável, porém não consiste no verdadeiro valor moral de uma máxima (AA, V, 82), ou seja, existe uma continuidade entre a abordagem mais próxima da perspectiva de Schiller nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* até a perspectiva do

período crítico da *Crítica da razão prática* em considerar ações praticadas apenas com base em sentimentos naturais como ações belas e até louváveis, contudo, essas ações são diferentes de uma ação verdadeiramente moral e verdadeiramente virtuosa.

### Considerações finais

Como foi possível observar, alguns aspectos da concepção de virtude em Kant, no período crítico, já existiam, na concepção de virtude do período pré-crítico, na obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, a saber, a visão de que a virtude deve ser orientada por princípios e não se basear apenas em sentimentos naturais, a concepção de que a virtude genuína consiste no sublime e não no belo, parece se aproximar da concepção crítica que a única virtude possível ao ser humano é aquela em que o caráter de obrigatoriedade da lei moral nunca é completamente eliminado, e o ideal de harmonia contida no ideal de beleza é simplesmente inalcançável. A recusa do ideal de virtude ascética monástica já havia sido considerada como uma concepção moralmente inaceitável, porque mortificação da carne e coisas similares são consideradas como apenas uma caricatura da virtude e não uma verdadeira virtude.

Por conseguinte, a concepção de virtude em Kant se situa entre a concepção de virtude do pecador miserável, que consiste na concepção de ética monástica ascética, e a concepção ética da bela alma de Schiller. Essa consiste numa harmonia completa entre os sentimentos e aquilo que o dever moral exige, uma vez que Kant recusa claramente esse ideal ascético como uma concepção de virtude verdadeira no período pré-crítico, na obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* e em *A metafísica dos costumes*. Ele também recusa o ideal de beleza moral como um tipo de moral que parece deixar de considerar os limites daquilo que o ser humano seria capaz de realizar e, por isso, Schiller poderia ser compreendido como alguém que defende uma concepção ética quimérica no sentido empregado por Kant em *Lições de ética* sob a influência de Baumgarten e Meier (apud DYCK, 2012, p. 43-48); o que pretende desenvolver com maior detalhe num estudo futuro.

## REFERÊNCIAS

- BAXLEY, Anne M. The beautiful soul and the autocratic agent: Schiller's and Kant's children of the house. *Journal of the History of Philosophy*, v. 41, n. 4, p. 493-514, 2003.
- BAXLEY, Anne M. *Kant's theory of virtue: the value of autocracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BEISER, Frederick. *Schiller as philosopher: a re-examination*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BEISER, Frederick. Schiller as philosopher: a reply to my critics. *Inquiry – an interdisciplinary journal of Philosophy*, New York, v. 51, n. 1, p. 63-78, 2008.
- BORGES, Maria. L. *Razão e emoção em Kant*. Pelotas: Universitária, 2012.
- DENIS, Laura. Kant's conception of virtue. In: GUYER, Paul. *Cambridge companion to Kant and modern philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 505-537.
- DENIS, Lara. *Kant's metaphysics of morals: a critical guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DYCK, Corey, W. Chimerical ethics and flattering moralists: Baumgarten's influence on Kant's moral theory in the observations and remarks. In: SHELL, Susan Meld; VELKLEY, Richard. *Kant's observations and remarks: a critical guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 38-56.
- GOY, Ina. Virtue and sensibility. In: TRAMPOTA, Andreas; SENSEN, Oliver; TIMMERMANN, Jens. *Kant's "tugendlehre": a comprehensive commentary*. Berlin: Gruyter, 2013. p. 183-206.
- GUYER, Paul. *Kant and the experience of freedom: essays on aesthetics and morality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HILL, E. Thomas. *The blackwell guide to Kant's ethics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.
- KANT, I. *Kants Werke*. Akademie Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1968.
- KANT, E. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: ensaio sobre as doenças mentais*. Trad. de Vinicius de Figueiredo. Campinas: Papyrus, 1993.
- KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1997.
- KANT, I. *A metafísica dos costumes*. Trad. de José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- KORSGAARD, C. *Self-constitution: agency, identity, and integrity*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KORSGAARD, C. Kant's analysis of obligation. *The Monist*, v. 72, n. 3, p. 311-340, 1989.

RECKI, Birgit. *Ästhetik der Sitten: Die Affinität von ästhetischem Gefühl und praktischer Vernunft bei Kant*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2001.

SCHILLER, F. *Über Anmut und Würde*. Stuttgart: Reclam, 1971.

SCHILLER, Friedrich. *Sobre graça e dignidade*. Trad. de Ana Resende. Porto Alegre: Movimento, 2008.

---

**Submetido em 11 de outubro de 2016.**  
**Aprovado em 3 de novembro de 2016.**